

SKATE DAS MENINAS: O DESAFIO DA GESTÃO NO ESPORTE DE AVENTURA EM PROMOVER A INCLUSÃO DE GÊNERO

Andréa dos Santos Azevedo^{1, *} Giuliano Gomes de Assis Pimentel¹

(¹Programa de Pós-graduação em Educação Física UEM-UEL, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 87020900, Brasil; ^{*}Autor de correspondência: gelestudos@gmail.com)

RESUMO

Tratamos das discussões sobre como enfrentar a questão do sexismo no skate via uma ação denominada “Skate das Meninas”, do projeto de extensão “Escola de Aventuras” na dialética entre intervenção e pesquisa a partir do Grupo de Estudos do Lazer (GEL). Para tanto, descreve o percurso do atendimento, pelo ponto de vista da gestão esportiva e do referencial sobre o binômio inclusão/exclusão das mulheres na aventura. Concluímos que é importante alinhar as dimensões axiológica, teleológica e instrumental para dar coerência profissional a ações inclusivas efetivas em um cenário de desigualdade. Visando que as meninas ampliem as oportunidades de uma carreira de lazer na modalidade, destacamos a importância de delimitar temporariamente ambientes afirmativos da inclusão de gênero, nos quais elas tenham acesso às técnicas mais elaboradas no skate.

Palavras-chave: desigualdade; educação para o lazer; gestão esportiva.

INTRODUÇÃO

O skate é uma prática culturalmente associada ao universo masculino. Nas comunidades de skate, elas são minoria. Por se tratar de um esporte de aventura, há quem diga que é muito perigoso para elas, ou que não vão superar os desafios do esporte. São conceitos da representação do papel da mulher no mundo do “homem” de práticas no âmbito privado, cuidar de casa filhos e manter a harmonia no lar (Figueira e Goellner, 2013).

De fato, a disputa por espaço de prática é uma realidade em diferentes modalidades de aventura, conforme Fernandes (2018) identificou no Parkour; e Pereira, Souto-Maior e Ramallo (2021) no montanhismo. As próprias mulheres sucumbem: quanto mais velhas forem e menos escolaridade tiverem, maior o desinteresse por atividades de aventura (Pimentel e Saito, 2010). Porém, não basta identificar a desigualdade, pois esse conhecimento deve levar ao enfrentamento do problema. A existência dos grupos ‘de’ ou ‘para’ mulheres é postulada como uma solução possível para o empoderamento feminino, já que os homens tendem a marginalizar o acesso das mulheres aos ambientes.

Diante desse quadro, o projeto Escola de Aventuras (E.A.) inaugurou experimentalmente uma ação denominada Skate das Meninas. Na descrição de Costa Junior, Arruda e Pimentel (2023), essa ação acontece no CAP – “Colégio de aplicação pedagógica da UEM”, geralmente de segunda-feira a quarta-feira, das 13:00 às 13:25, com objetivo de proporcionar um espaço de vivência do skate para meninas. A ação surgiu com o diagnóstico das barreiras de gênero para as meninas terem a modalidade como uma autobiografia de movimento no tempo livre.

A partir de estudos de Rocha (2023), foi testada a ideia de um ambiente para as alunas poderem aprimorar as manobras, em um ambiente acolhedor às meninas. O objetivo deste artigo é analisar as dimensões axiológica, teleológica e instrumental do Skate das Meninas à luz do referencial acadêmico. Esperamos, com isso, aprimorar o trabalho com vistas à gestão.

NOSSO MÉTODO

Este é um estudo descritivo focado na gestão da Escola de aventura (E.A.), projeto guarda-chuva que, comporta em sua estrutura de sustentação, cinco ações distintas, sendo nosso foco de estudo o “SKATE DAS MENINAS”. Enfatizamos a estrutura organizacional e os processos pedagógicos de efetivação como sendo uma ação afirmativa conectada ao entendimento de igualdade de gênero. Para tanto, adotamos a organização proposta por Dumazedier (1980), sobre a teoria da ação, a qual considera que a intervenção fundamentada deve considerar as dimensões axiológica, teleológica, instrumental e probabilística da realidade, essa teoria considera possível desenvolvimento de uma educação científica ético-crítico, que considere os valores fundamentais à humanização dos educandos, no caso em estudo valores de respeito as diferenças e equidade de gênero.

No primeiro momento buscamos o estado da arte nacional sobre a inclusão/exclusão da mulher na aventura em uma revisão na literatura. Na perspectiva da revisão narrativa, foram considerados os trabalhos que efetivamente identificassem as variáveis que compõem o cenário de marginalização e de empoderamento feminino na aventura. Dessa forma fomos capazes de apresentar resultados que indicam a realidade do estudo de caso, acrescido de exegese teórica, a partir da literatura, a fim de apontar os aspectos que devem ser superados no Skate das meninas.

Este estudo das ações/aulas realizadas no CAP, foi aprovado sob o Número do Parecer: 3.794.104, registrado 23200019.2.0000.0104, no Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

O QUE DETERMINA A PARTICIPAÇÃO E A NÃO-PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA AVENTURA?

Na linha temporal de ações para aproximação e inclusão das mulheres nas práticas esportivas, não se pensava, em seus primórdios em uma organização gerencial de situações em que as mulheres estivessem incluídas para quebrar de paradigmas da divisão de sexo. Em geral, a mulher se adequava a um papel no âmbito privado da vida, mantenedora do lar, enquanto ao homem caberia o papel público, profissões diversas e atividades esportivas. Esportes urbanos de aventura reproduzem o princípio de perpetuação dessa relação no âmbito público.

Com o esporte skate, ao analisarmos o comportamento do homem em respeito a inserção das mulheres, identificamos que, é pouco ou quase nulo, por assimilarem o “espaço” da prática do skate como sendo um espaço do “mundo do homem” reforçado pela abordagem dos esportes, nas aulas de educação física em que há um determinado padrão de comportamento por gênero, conforme estudo de Cardoso; Marinho e Pimentel (2013) que no tocante aos esportes de aventura, a divisão sexual continua recorrente, como por exemplo, na associação dos patins com o sexo feminino e do skate com o sexo masculino.

Rocha (2023) reafirma essa ideia ao apontar que o papel de imposição e exclusão de que as meninas são obrigadas a seguir um determinado padrão com relação às práticas corporais são resultado de processos específicos da própria Educação Física, entende-se assim, que a exclusão das práticas esportivas se faz perante a uma ideologia de gênero onde mulheres desempenham papéis no âmbito doméstico (privado) e homens desempenham papéis de trabalho e sustento (público). Na rua (espaço público), essa segmentação é mais explícita, como nas competições de skate, sendo comum que os homens ocupem a pista durante o aquecimento das baterias das mulheres, tirando-lhe o espaço e o tempo para tal objetivo.

Mas quais seriam os aspectos mais presentes na resiliência feminino nessas modalidades? Segundo estudo de Cardoso; Marinho e Pimentel (2013) com universitárias praticantes, o acesso a brincadeiras intergêneros foi o aspecto mais relevante para apoiar uma associação com inclusão de mulheres nos esportes de aventura.

Schwartz, Pereira, Figueiredo, Christofolletti e Dias (2016), em estudo sobre a presença feminina no esporte de aventura, apresentam que a motivação da participação da mulher é inerente ao

enredo psicológico e ligado às características de personalidade e a permanência em espaços de superação estendida para além de seu ambiente, projetando-se no seu cotidiano

Para Pereira, Maior e Ramallo, (2020) a percepção sobre a amizade, confiança, coragem, concentração e autoestima são as mais relevantes no montanhismo. O risco e o perigo de queda e acidente são entendidos como fatores limitantes e que podem ser superados com a autoconfiança e o aumento da coragem.

Em síntese, a literatura enfatiza os seguintes aspectos sócioemocionais (falta de apoio parental) e, igualmente, as tensões entre gêneros para a exclusão feminina na aventura. Por outro lado, a inclusão é associada a: gosto pelo esporte e o contato com a natureza, busca pelo prazer, bem-estar, superação de limites na observância de vivências que provoquem emoções e sensações intensas (Schwartz, Pereira, Figueiredo, Christofolletti e Dias, 2016).

OS DILEMAS DA INCLUSÃO DE GÊNERO

Com base na literatura, são visíveis as situações de exclusão e se visa um movimento de inclusão. Na imagem abaixo, ilustramos as diferentes possibilidades no trato com skate:

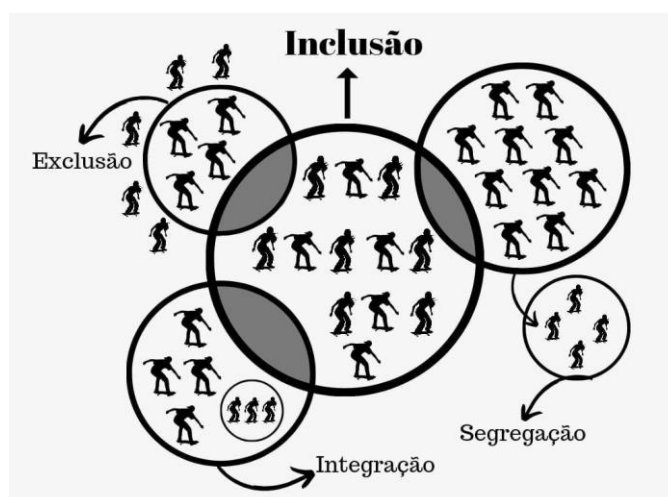


Figura 1: Diferença entre Exclusão, Segregação, Integração e Inclusão de gênero. Alterada a partir de imagem em Lima et al (2023).

Na observância das dimensões citadas acima, o Skate das meninas parece ser uma ação afirmativa, de intervenção prática do esporte, no seu papel facilitador de acesso ao espaço de prática igualitária e cumprindo o papel de inclusão. Porém, é importante que os grupos que sofrem alguma discriminação não sejam colocados em guetos, pois isso seria uma forma de limitar a interação social (Cidade, 2009). Aqui é importante aferir sobre uma possível contradição do Skate das meninas ser uma forma de segregação. Será que separar meninos e meninas é o modo mais eficiente e ético de incluir as meninas no skate?

O processo de inclusão vai além de boas intenções, pois as ações sem fundamentação podem gerar efeito contrário ao pretendido. Logo, com base na Teoria da ação, entendemos que existe uma sequência lógica para evitar que o senso-comum contamine negativamente um programa. Aqui vale um alerta dado por Mello et al (2022): nem sempre os objetivos dos projetos sociais esportivos coincidem com a percepção e os usos que a comunidade atendida toma para si ao frequentar as aulas. Logo, se faz fundamental ouvir as crianças. Não é dar voz a elas, pois elas já nos falam por diferentes linguagens. Neste caso, uma das questões a serem pensadas na dimensão instrumental é a qualidade da gestão para que a organização dos meios da ação alcance eficazmente os fins desejados. Assim, identificamos que uma das lacunas é que os adultos da família e as crianças devem ser valorizadas em um processo de protagonismo

compartilhado, sendo que mecanismos democráticos também fazem parte de uma dinâmica participativa de educação para a cidadania.

Por isso, o desafio não é apenas dar boas aulas de skate para as meninas, embora isso seja primordial para o desenvolvimento das alunas. Também é necessário avançar para níveis mais elaborados de envolvimento, incluindo no político, de modo a dar a possibilidade a elas poderem criar –se for o caso– vínculos mais duradouros com a cultura skatista, na perspectiva do lazer sério. Essa categoria, cunhada por Stebbins (2016), permite interpretar que podemos estabelecer diferentes tipos de envolvimento com o lazer, sendo um deles aquele que possui uma centralidade no modo de vida e no desenvolvimento da pessoa, constituindo uma carreira recreativa. Por isso, um lazer levado a sério. Isso não implica que o lazer casual também possa ser uma possibilidade de apropriação das meninas ao aprenderem o skate, servindo de uma ‘degustação’ da diversidade de movência que se afunila nos interesses físico-esportivos do lazer.

Retomando à gestão, é preciso observar esses preceitos na governança da Escola de Aventuras devem estar interligados a todo o ecossistema da pesquisa-extensão-ensino universitário. Assim,

As boas práticas de governança corporativa convertem princípios básicos em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor econômico de longo prazo da organização, facilitando seu acesso a recursos e contribuindo para a qualidade da gestão da organização, sua longevidade e o bem comum. (IBGC, 2015, p. 20).

Como o Grupo de Estudos do Lazer (GEL) toma o projeto como uma vitrine de boas práticas, imperativo se faz a contínua validação dos processos internos de cada ação, de modo que cada atividade validada represente, efetivamente, as regras, práticas, processos e procedimentos mais relevantes para replicação por outros agentes.

DA LAMBANÇA À GOVERNANÇA

Concordamos com Figueira e Goellner (2013) que o senso-comum associa skate à masculinidade porque vinculam essa prática à ousadia e destemor frente ao risco, o que é frequentemente algo tido como viril. O skate naturalizou-se dentro do mundo “masculino”. Portanto, como as representações sociais reforçam e reproduzem práticas sociais, o acesso das mulheres” demanda uma ação afirmativa dentro da política pública de inclusão esportiva.

Todavia, inicialmente isso resultou em uma chamada aberta às meninas para virem andar de skate, apesar das diferenças de proficiência intragrupo. Portanto, não havia dúvidas que as meninas estavam tendo acesso à quadra, aos equipamentos de segurança e aos skates, mas com qual qualidade?

A fim de apontarmos os aspectos que merecem mudança no Skate das meninas, para ela ser efetivamente um ambiente inclusivo, observaremos essa ação em relação aos aspectos axiológico, teleológico e instrumental. Como nos primeiros 12 meses, foi considerada a qualidade experimental da ação, os dados ainda não são confiáveis para atender aos critérios da dimensão probabilística. Esta trata de termos indicadores para avaliar o sucesso.

A dimensão axiológica diz respeito aos dados da realidade, ou seja, ir à raiz do problema, o que foi resultante da parte da revisão que trata das causas da exclusão. Também nesse diagnóstico, contaram as observações empíricas sobre haver apropriações diferenciadas durante a aprendizagem do skate entre meninos e meninas. Elas não se sentem respeitadas no modo como vivenciam a experiência.

Dumazedier (1980) considera que essa fase deve permitir ao agente tomar a decisão sobre quais aspectos da realidade deseja alterar, com base na moralidade do grupo social. Nesse caso, a desigualdade no acesso ao skate -educacional e recreativo- sedimentada em valores machistas é o aspecto a ser enfrentado e o valor é o lazer como direito social inalienável a todas as pessoas, independente de sexo, idade ou aptidão.

A dimensão teleológica diz respeito aos propósitos, metas e objetivos. Reagimos à realidade indesejada pensando em um espaço de prática esportiva do skate, em que só meninas pudessem exercer o direito da cultural de movência em ambiente seguro e de acolhimento. Respaldados pelos valores e pelo diagnóstico, passamos ao prognóstico, ao que se deseja, ao efeito final: ampliar as competências das meninas no skate, de modo que possam andar de skate nos equipamentos usuais à modalidade. Como a questão do domínio técnico é o principal argumento dos skatistas às mulheres, a Escola de Aventuras superou a dicotomia entre lazer e técnica, entendendo que esta amplia o prazer da prática, pois amplia as possibilidades de sucesso.

Já a dimensão instrumental, está ligada ao como fazer, às técnicas e ferramentas para se atingir os propósitos. O procedimento metodológico utilizado fundamenta-se no método universal de ensino desenvolvido pelo GEL, inspirado particularmente nas pesquisas sobre microaventuras na educação física escolar (Pimentel, 2022). Com a infância, a iniciação à aventura é gradual, por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras que contenham a lógica interna das PCA sem deixar de observar e aplicar as técnicas inerentes ao esporte. Em complemento, enfatizamos a aprendizagem por pares, de modo que meninas mais desenvolvidas pudessem colaborar com as iniciantes, o que nos fez perspectivar futuramente estudos sobre o modo feminino de aprender skate, como hipótese.

Porém, um aspecto prioritário se impunha à ação: a saturação da técnica em um platô. Costa Junior, Arruda e Pimentel (2023) realizam uma narrativa preocupante do aspecto gerencial que interferiu no dilatamento do projeto de 2022 para 2023. À medida em que não aprendiam manobras, as meninas abandonavam o projeto. Faltavam aulas avançadas. De fato, a técnica conduzida teleologicamente para o lazer é um fator de motivação e inclusão. As atividades foram temporariamente encerradas devido às limitações práticas dos antigos professores, por não terem vivências suficientes e maestria com a prática de manobras do skate.

Para vislumbramos o futuro do Skate das meninas, devemos nos debruçar na sua história registrada pelo estudo de Costa Junior, Arruda e Pimentel (2023) que descreve as ações de 2022/2023. Descrevem seu funcionamento, espaço utilizado, materiais, número de professores e número de participantes iniciais:

O projeto acontece no CAP – “Colégio de aplicação pedagógica da UEM”, de segunda-feira a quarta-feira, das 13:00 às 13:25. Inicialmente foram convidadas alunas do 7º ano e ao decorrer do tempo surgiram novas alunas de outras turmas. Os materiais são todos disponibilizados pelo projeto, contamos com 25 skates em estado de novo, adquiridos em 2023 e materiais de proteção como capacetes, joelheiras, cotoveleiras e munhequeiras, para promover a gestão de risco. A equipe conta com três professores: Luiz Antonio, Ana Beatriz e Lucas Fávaro. Em média temos cerca de 7 alunas, as aulas acontecem na quadra coberta (ginásio do CAP).

Ações foram realizadas para criar momentos em que todas ‘dão o rolê na pista’ e outros de aprimoramento por nível de desenvolvimento. Quanto ao envolvimento, o número de frequentes participantes iniciais foi 07 meninas em 2023, chegando a 25 março de 2024. De fato, no ano de 2024, frente às mudanças na organização das aulas, houve um aumento significativo de participantes. Ademais há visibilidade do projeto: o local de sua execução é de fácil acesso e aberto à observação, conforme ilustrado na imagem abaixo:



Figura 02 – Aulas na Quadra externa do CAP, a partir de 2024. Disponível em @escoladaaventura (página do Facebook) e <https://www.instagram.com/aventurasuem/>

Quanto mais as meninas eram vistas praticando, mais meninas buscavam a prática, a maioria inicialmente em uma perspectiva de lazer casual. Portanto, havia inicialmente o cuidado em proporcionar mais liberdade de experimentação ('degustação' da prática).

Ainda aprimorando o método, foram projetadas práticas de aprimoramento de manobras o que, foi antecedido por microaventuras afeitas à gestão de risco e processo colaborativo entre pares. As aulas estavam organizadas por ficha pedagógica, conforme exemplificada abaixo

Tema gerador	Probabilidade de quedas no skate
Objetivo/fundamento do esporte	Identificar a chance de quedas conforme as características físicas da quadra.
Equipe	Ana Beatriz, Lucas Fávaro e Luiz Costa Junior.
Material	Skates, tabela de risco, equipamento de segurança, figuras de situações inofensivas e ameaçadoras. Cones.
Gestão de risco (atenção para...)	Identificar se o local é apropriado, observação de probabilidade de risco
Atividade de aquecimento	Andar até o cone em pé ou três apoios.
Desafio aplicado à situação (Problem Based Learning adaptado)	Ensinar os tipos de freio (demonstração). Pedir para que se dirijam à grama para freio no tail. Fazer correções (feedback). Na grama com os skates (um por estudante). Mostre imagens que representam perigo ou inofensivas. Eles devem remar quando a probabilidade de acidente for baixa e frear no perigo. Testar, com proteção (usar pista lisa e limpa).
Avaliação	Converse com elas sobre as chances de sucesso em realizar o <i>tail</i> ? O que pode dar errado? Registrem as respostas.

Quadro 01 – ficha pedagógica para organizar o skate das meninas.

Por fim, ocorreu movimento por parte dos meninos, que se sentiam excluídos daquele espaço de 25 minutos de vivência do skate, antes do horário letivo vespertino. Convocamos os interessados e explicamos os motivos para a ação enfatizar as meninas. Mas também sentíamos que era necessário educar os meninos para respeitarem nas meninas. Assim, ficou deliberado pelo coletivo que toda quarta-feira eles poderiam acessar o projeto, desde que em atitude colaborativa ao desenvolvimento das meninas na modalidade. E esse seria o critério seletivo para permanência naquela ação. Alguns deles, inclusive, reportaram haver captado a ironia daquela inversão da exclusão, com um sentimento ruim neles, mas que haviam percebido melhor como as meninas se sentiam.

Refletimos que essa pode ser a chave estratégica para que o Skate das Meninas seja uma ação afirmativa, mas sem recair no equívoco da segregação. Inclusão de gênero incide que meninas e meninos convivam na pista com justiça e respeito. Isso, porém, requer educação desde a infância. O mundo do skate, na rua e nas pistas, é dominado pelos meninos e eles, portanto, são parte importante na inclusão das meninas. E, portanto, também precisam de ambientes educativos acolhedores para serem multiplicadores da promoção da igualdade de gênero e do empoderamento de todas as meninas para praticarem livremente o esporte sem prejuízo por sua condição feminina na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho observou como a governança de um projeto permanente é essencial para melhor alinhar o conhecimento à intervenção. Para tanto, foram observadas e corrigidas as inconsistências entre as dimensões axiológica, teleológica e instrumental da ação. O Skate das meninas apresenta-se como um produto viável e operacional da E.A. por possuir um método utilizando-se de: diálogo, identificação de problema e resolução de demandas de forma criativa sendo um *problem based learning*⁵⁷ para as crianças e um *design thinking*⁵⁸ de inovações para a equipe da E.A.

A organização pedagógica para as iniciantes se baseou na linguagem lúdica proporcionando uma adesão mais tranquila e afetiva às aulas. Com educação por pares, as praticantes se sentem seguras em um ambiente de prática esportiva dito exclusivo do “homem”. Por outro lado, a inclusão dos meninos em colaboração se apresenta como mais um espaço de equidade de gênero. Outro desafio foi o treino técnico, à medida que as praticantes almejavam o skate como lazer sério. Isso requereu que elas fossem mais autônomas, incluindo o domínio da gestão de risco.

Para finalizar, ressaltamos a importância de um projeto consistente com um propósito de fornecer biografias de movimento relevantes às crianças, desde já e baseadas na realidade local. Porém, apontamos para uma reorganização das ações de gestão com a solidificação do processo pedagógico criativo, o que está sendo redimensionado pelo processo de design thinking. Isto, só, não infere no seu modus operante, mas, também no estabelecimento de espaços, em que a prática de skate por meninas, sejam igualmente espaços de acolhimento, igualdade e respeito entre gêneros.

Sendo assim, o SKATE DAS MENINAS, pode apresentar-se como um produto educacional por conter alguns aspectos positivos, que irei elencar a seguir:

1. Sua organização gerencial centraliza-se na solução das demandas de forma criativa e coletiva, com foco na qualidade do atendimento as meninas inseridas no projeto;
2. Aumento de interesse e participação das alunas, sinalizando crescente de participação, cabendo estudos que dimensionem a dimensão probabilístico do efetivo sucesso dessas ações, tanto em curto (lazer casual) como em longo prazo;
3. Considera axiologicamente os dilemas e conflitos da destradicionalização dos papéis generificado⁵⁹ quanto ao sexo biológico e atua em uma perspectiva igualitária no acesso, permanência e progressão dessas meninas no skate.

AGRADECIMENTOS

⁵⁷ Aprendizagem por solução de problemas

⁵⁸ Pensamento em desenho.

⁵⁹ Processo de socialização de acordo com as normas de gênero dominantes.

À Universidade Estadual de Maringá e à Fundação Araucária pelo financiamento da Escola de Aventuras e linhas de atuação, por meio de bolsas de extensão. Em termos de custeio, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, F. L.; MARINHO, A.; PIMENTEL, G. G. A. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. **Revista da Educação Física/UEM** (Journal of Physical Education), v. 24, p. 597-608, 2013.
- CIDADE, R. E. A. Inclusão, gênero e deficiência para o projeto Recreio nas Férias: um alerta! In: OLIVEIRA, A. A. B.; PIMENTEL, G. G. A. (Orgs.). **Recreio nas Férias: reconhecimento do direito ao lazer**. Maringá: EDUEM, 2009, p. 89-99.
- DUMAZEDIER, J. **Teoria sociológica da decisão**. São Paulo. São Paulo: Edições SESC, 1980.
- FERNANDES, A. V. **Transpondo muros socioculturais: relações de gênero e empoderamento de mulheres no Parkour**. 2018. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, p. 239-264, 2013.
- IBGC. Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. **Código das melhores práticas de governança corporativa**. 5.ed. São Paulo, SP: IBGC, 2015.
- LIMA, A. M.; ALVES, A. E.; PUSSI, A. S.; CARUZZO, A. M.; COSTA, C. E.; BREVES, J. D.; PIMENTEL, G. G. A. **Ensino e Pessoa com Deficiência: Educação, Esporte, Lazer e Inclusão**. Maringá: Clube dos Recreadores, 2023.
- MELLO, A. da S. et al. Representações sociais dos participantes de projeto esportivo de Vitória. **Movimento**, v. 24, p. 399-412, 2022.
- PEREIRA, D. W., SOUTO MAIOR, Y. B.; RAMALLO, B. T. Perfil das mulheres escaladoras brasileiras, entre homens e montanhas. **Movimento**, v. 26, 2021, p. e26077.
- PIMENTEL, G. G. A.; SAITO, C. F. Caracterização da demanda potencial por atividades de aventura. **Motriz**, v. 16, p. 152-161, 2010.
- PIMENTEL, G. G. A. Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **REBESCOLAR**, v. 4, p. 47-60, 2022.
- COSTA JUNIOR, L. ARRUDA, E. A.; PIMENTEL, G. G. A. Skate das meninas: a importância da técnica para o empoderamento feminino no esporte. **Anais do 6º EAEX – UEM**, 2023.
- SCHWARTZ, G. M. PEREIRA L. M. Figueiredo, J. P. CHRISTOFOLETTI, D. F. A. Dias, V. K. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 156-162, 2016.



STEBBINS, R. A. Dumazedier, the serious leisure perspective and leisure in Brazil. **World Leisure Journal**, v. 58, n. 3, p. 151-162, 2016.

ROCHA, L. L. “Respeita as mina” O Ensino do skate na educação física escolar. 2023. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará- Fortaleza, Brasil, 2023.